

NOME DO TRABALHO

PAPERCLAY

NOME DA AUTORA

Darly Pellegrini

darlypellegrini@gmail.com

ENTIDADE

Atelier Darly Pellegrini

darlyceramica.com.br

paperclay.com.br

RESUMO

Ao longo da minha prática de mais de 20 anos como artista ceramista, muitas vezes tentei executar projetos delicados que demandavam pouca espessura ou grande plasticidade das argilas e me frustrei com os resultados. Na maioria das vezes as peças racharam ou trincaram. Em 2010 fiz um workshop com Cynthia Gavião que me abriu as portas para mais uma maneira fascinante de trabalhar com cerâmica: o paperclay. Muito empolgada com as possibilidades desta técnica, comecei a pesquisar, fazer experimentos e adaptações ao que já conhecia, incorporando a técnica do Paperclay à minha maneira pessoal de expressão.

O Paperclay compartilha com as massas tradicionais praticamente todas as suas propriedades, mas misturar papel na massa cerâmica confere características específicas de condições de trabalho que possibilitam avançar ainda mais na criatividade, ousar em projetos, e facilitar muitos modos de execução.

O trabalho em paperclay que desenvolvo é leve, delicado e com uma linguagem expressiva bem individual. Compartilho neste texto o conhecimento teórico que adquiri através de pesquisas e sobretudo através da minha prática de atelier produzindo e ministrando oficinas.

A exposição proposta contará com uma apresentação teórica sobre o que é o paperclay, tipos de massas e de fibras, porcentagens, usos, vantagens e desvantagens e algumas de suas utilizações. Os vários projetos e processos serão mostrados amplamente através de fotos e vídeos.

Os últimos 15 minutos da apresentação serão abertos a perguntas e dois tipos de massa: a branca shiro original do fabricante e o paperclay produzido com a mesma massa branca shiro mais papel sulfite a 5%, estarão disponíveis para manuseio, bem como algumas obras e peças da artista.

Paperclay é qualquer tipo de massa cerâmica acrescentada de fibras de celulose. Grés, terracota, porcelana ou outros tipos de massas cerâmicas podem se tornar paperclay. Essa mistura cria uma massa mais forte e muito plástica, que permite explorar espessuras finíssimas em projetos superdelicados, ou grandes formatos no caso de esculturas.

A colagem de elementos já praticamente secos e reparação de trincas também se torna possível com o uso da massa de paperclay; e os riscos de trincas e empenamentos na secagem e de explosões na queima são muito reduzidos. A peça depois de seca é consideravelmente mais resistente, facilitando o transporte e colocação no forno. E dependendo da porcentagem de papel, se torna mais leve depois de queimada.

Essas novas possibilidades no universo cerâmico acontecem porque a adição de fibras de celulose que o papel contém, garante resistência e sobretudo mais plasticidade à peça enquanto trabalhamos. Garante também uma secagem mais segura, porque a água contida na massa cerâmica consegue escapar com mais facilidade e de maneira mais uniforme. As fibras de celulose quando misturadas à argila absorvem a umidade ficando flexíveis, desta forma é possível fazer placas finíssimas e peças mais resistentes enquanto úmidas ou já secas.

A proporção e o tipo de papel usados podem variar bastante. Quanto mais fibra for adicionada à argila, mais forte ela ficará enquanto estiver crua, mas em compensação ficará mais frágil, mais leve e mais porosa depois de queimada.

A polpa de papel é quem dá a massa de paperclay suas características físicas. As fibras de celulose são higroscópicas (propriedade que certos materiais possuem de absorver água). Possuem uma estrutura tubular oca que é essencial em todas as plantas e árvores. Na argila, estas fibras de celulose formam uma rede de “palhas ocas” que absorvem a umidade e ficam flexíveis.

É por causa dessa característica da celulose, a de atuar como uma rede unindo as partículas de argila, que a massa ganha resistência e resiliência ao stress. Camadas de paperclay em diferentes níveis de umidade podem ser sobrepostas e emendas e junções podem ser feitas com tranquilidade. Podemos “remendar” ou acrescentar massa em uma peça em ponto de couro com bastante segurança, e mais que isso: é possível fazer colagens de pedaços já secos de argila usando paperclay que neste caso funciona como um adesivo.

Juntar diferentes massas cerâmicas pode apresentar um problema por causa dos níveis de retração diferentes na secagem e queima. No paperclay, quando a argila retrai, a rede de tubos de celulose também se contrai. Argilas diferentes na textura, cor e plasticidade podem ser usadas em um único projeto!

A secagem da argila é uma etapa importante e delicada. No paperclay a secagem é mais uniforme. Os riscos de trincas e empenamentos na secagem e de explosões na queima ficam visivelmente diminuídos. Depois de queimada, essas fibras e todo o possível resíduo de tinta contido desaparecem.

No transporte de peças secas, o paperclay também oferece vantagens. Quando seca, a massa com papel é bem mais forte e resistente que as outras massas. Essa resistência e estabilidade que as fibras do papel oferecem à argila pode ser uma opção interessante para trabalhos que não serão queimados. Depois de seco o paperclay pode ser pintado a frio ou envernizado, apresentando uma durabilidade e resistência bem maiores que as massas cerâmicas sem a adição de papel.

Mas a maior vantagem do uso do paperclay é ao meu ver a plasticidade. É possível curvar e dobrar placas e rolinhos de diferentes espessuras com facilidade e os resultados são surpreendentes. Também é possível reduzir tanto a espessura de uma peça que ela chega a apresentar transparência.

Fibras de celulose diferentes produzem variados resultados. Podemos usar papel sulfite, filtro de café, caixa de ovos, papel toalha, papel higiênico, papel para aquarela, etc... Cada um destes tipos de papel possui um determinado comprimento de fibras. É possível comparar o comprimento das fibras em diferentes tipos de papel. Fibras mais longas são mais difíceis de rasgar (o filtro de café, por exemplo, tem fibras bem longas, já o papel sulfite tem as fibras menores).

Não costumo usar jornal, pois a tinta tipográfica pode conter chumbo que é liberado na queima. E se usarmos papel higiênico é preciso levar em conta que a adição de amido que a fórmula contém faz a massa liberar mal cheiro em alguns dias.

De qualquer maneira, a massa de paperclay contém matéria orgânica na sua composição, não importa o tipo de papel usado. Com o tempo o papel úmido apodrece e libera mau cheiro. Normalmente esse processo leva de 20 a 30 dias. É possível minimizar este problema acrescentando vinagre ou Lisoform na sopa de papel e guardar em plásticos escuros se a escolha for produzir uma quantidade maior para ir sendo usada aos poucos.

Depois de algumas semanas guardada, a massa de paperclay, além do mal cheiro, pode apresentar manchas mais escuras. Essas manchas diminuem ou até desaparecem quando amassamos a massa, mas o cheiro não. Se o papel usado tiver sido escrito ou desenhado, a massa pode ficar colorida. A cor também desaparece na queima.

Para preparar a massa de paperclay é necessário desfibrar o papel deixando de molho em água para que as fibras amoleçam e depois bater no liquidificador. A “papa” obtida deve ser levemente prensada para a pesagem. A proporção dessa “papa” de papel varia de acordo com o comprimento das fibras, o tipo de papel e sobretudo o projeto a ser executado. Os tipos de massa cerâmica, os tipos de papel e as porcentagens de papel na massa podem ser tão diversos quanto os propósitos individuais de cada ceramista.

Qualquer método de execução pode ser usado no paperclay: Pinch (beliscão), rolinhos, placas, torno ou moldagem em gesso. Sua textura permite usar impressões e carimbos sem nenhum problema. É possível trabalhar o paperclay de todas as formas tradicionais. Mas se a opção for explorar o que o paperclay oferece de diferencial, então pode-se chegar a limites quase inimagináveis nas massas convencionais, como reamolecer uma parte da peça já completamente seca para acrescentar mais massa, trabalhar na mesma peça com diferentes espessuras, e diferentes massas, reparar rachaduras, e principalmente diminuir muito a espessura de uma peça e curvá-la sem que ela trinque.

A queima pode ser feita em qualquer tipo de forno: elétrico, a gás ou a lenha, em queimas tradicionais, de raku ou anagama. A temperatura da queima vai depender exclusivamente da massa cerâmica usada. A adição de papel não aumenta nem diminui o limite indicado pelo fabricante. Portanto, o limite de temperatura de queima é sempre a da massa escolhida.

Nos projetos que realizo, pela delicadeza das peças, evito o manuseio destas para queima de biscoito que normalmente é feita entre 800°C e 1000°C. Faço monoqueima, ou seja, a peça é colocada diretamente no

forno para queima de alta temperatura (queimo a 1280°C, cone 9) sem a queima prévia do biscoito. Mas não é necessária uma queima tão alta e a queima do biscoito é absolutamente uma questão de opção.

A vitrificação de peças delicadas tem que ser cuidadosa. A presença da celulose facilita a absorção da água do esmalte pela peça ainda crua, e diminui bastante os cuidados na secagem. A aplicação com pincel ou com revólver e compressor são as mais aconselhadas. Para peças delicadas costumo fazer essas aplicações com pincel na peça ainda em ponto de couro.

É importante notar que quando a celulose queima, ela desaparece da massa criando micro porosidades, o que a deixa mais leve, mas também mais porosa. A leveza é importante quando se trata de bijuterias, algumas peças de decoração ou mesmo esculturas, no entanto a porosidade é uma grande desvantagem quando produzimos peças utilitárias. Esta característica é ao meu ver a única restrição do uso do paperclay.

Para sugestão de receita e modo de preparo manual do paperclay consulte: <https://www.paperclay.com.br/>

FIGURAS

(Todas as imagens foram fotografadas pela autora)



Fig.1- Vasos em paperclay parcialmente esmaltados. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.2- Mandalas vazadas em paperclay. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.3- Guirlanda em paperclay. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.4- Estudo de plasticidade. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.5- Mandala vazadas em paperclay parcialmente esmaltada. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.6- Esferas vazadas em paperclay. Queima a gás a 1280°C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.7- Bijouterias em paperclay. Queima a gás a 1280 °C. Criação e execução Darly Pellegrini

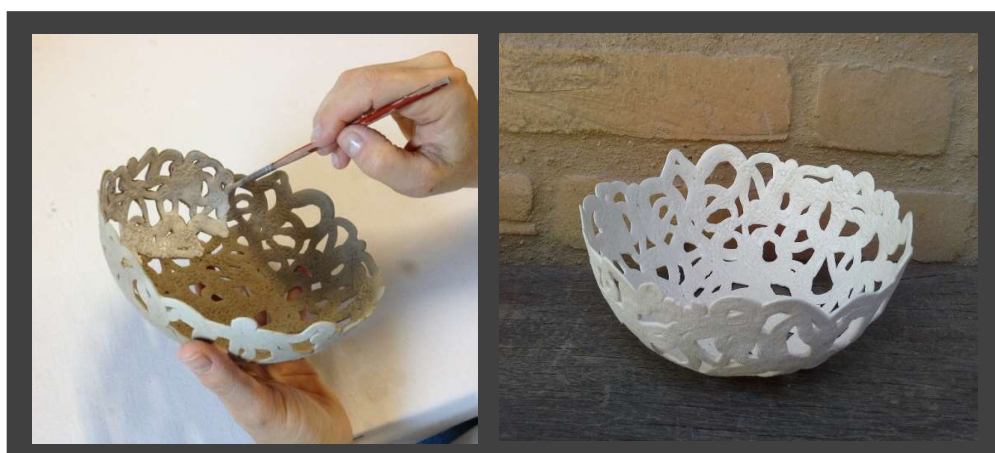


Fig.8- Cumbuca vazadas em paperclay. Depositando o vidrado com pincel sobre a peça em ponto de couro e a mesma peça pronta com queima a gás a 1280 °C. Criação e execução Darly Pellegrini



Fig.9- Depositando o vidro com pincel sobre a peça ainda úmida. Foto de uma das oficinas do atelier Darly Pellegrini.



Fig.10- Enforando em monoqueima a gás a 1280 °C. Peças de uma das oficinas do atelier Darly pellegrini.



Fig. 11- Luminária em paperclay, monoqueima a gás a 1280 °C. Criação e execução de Raquel Mozaquatro em uma das oficinas do atelier Darly Pellegrini.



Fig. 12- Hastes em paperclay, monoqueima a gás a 1280 °C. Criação e execução Darly Pellegrini

BIBLIOGRAFIA

GAULT, Rosette. **Paperclay Art and practice**. Bloomsbury Visual Arts, London, 2014